

Editorial

O segundo número da “Revista de História da Sociedade e da Cultura” proporciona, para além de algumas notícias sobre a actividade/a vida de um Centro Científico (sem esquecer o interessante *testemunho* de um seu notável conselheiro, o Professor jubilado da Universidade de Montpellier Jacques Marcadé), a leitura de um diversificado conjunto de artigos, quer quanto aos temas, quer quanto aos períodos históricos. Com efeito, a diacronia é ampla (desde o século XII ao XX) e o objecto concretiza-se na festa e na guerra, na memória e na história de uma instituição secular, num impulso de integração vivido à escala regional, numa análise de risco apreciada no contexto europeu e na ideia de “Europa” entre as duas Guerras.

Fixando-me na amplitude geo-histórica ou nas escalas territoriais destes temas, dei por mim a reflectir, uma vez mais, sobre a *biodiversidade* cultural e a multiplicidade identitária, até porque tinha acabado de ler, no diário “El País”, uma apreciação sobre os resultados de um inquérito realizado recentemente pelo “Instituto de la Juventud (Injuve)” de Espanha. Ficara a saber que 60% dos jovens espanhóis, com idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos, podem ser considerados “localistas”, o que significa que se identificam, sobremaneira, com a sua aldeia ou cidade (no fundo, com a sua “pátria” ou terra dos pais). Só 14% se identificam com a Espanha; 10% com a sua comunidade autónoma; 2% com a “Europa”; e 8% dizem-se “cidadãos do mundo”. Em época da tão proclamada globalização/mundialização, não deixa de ser contraditória e curiosa a preferência dominante do referido grupo quanto às suas entidades, embora

no quadro político específico da Espanha. Ou seja, para a maioria, o *centro* está na família, no núcleo de amigos, na contemplação da paisagem local, nas vivências de interconhecimento..., resistindo, enfim, à homologação do universal, do indiferenciado, do global.

Claro está que a reivindicação de uma especificidade cultural própria, por parte de grupos concretos, mesmo que legítima (em nome da liberdade) poderá ser perigosa, pelo que a *proposta europeia* é evitar tanto o assimilacionismo como a diferenciação cultural. É que, se não há uma cultura europeia, há uma Civilização europeia, caracterizada por um contínuo intercâmbio de culturas diferentes, que a história ajuda a definir e estimula a comunicar.

Este número da “Revista de História da Sociedade e da Cultura”, uma vez mais, vem lembrar que foi (é) assim.

João Marinho dos Santos

Coordenador Científico do C.H.S.C.